

Enfim, a esquerda unida

Depois de um doloroso parto, aliança a nível nacional facilitou a articulação também nos Estados

Parecia impossível, mas afinal a esquerda se uniu não só em nível nacional, mas principalmente nos Estados, onde o leque de alianças regionais ficou tão amplo que inclui até os tucanos. Em dois Estados - Acre e Piauí - o PSDB do presidente Fernando Henrique Cardoso, surpreendentemente, participa de coligações com o PT de Luiz Inácio Lula da Silva, sendo que no Piauí o candidato é o tucano Chico Gerardo. Noutros Estados, o PPS de Ciro Gomes participa das coligações em nível regional, com o compromisso de apoiar o PT no segundo turno.

Montar essa rede ampla de alianças não foi fácil e quase inviabiliza a união das esquerdas em nível nacional. Mas especificamente em alguns Estados, como Rio de Janeiro e Pernambuco, foi um verdadeiro parto a montagem da chapa majoritária única (governador, vice e senador). No Amazonas, reviravoltas de última hora terminaram causando surpresas aos eleitores e até aos partidos delas participantes. E no Rio Grande do Sul e em São Paulo, petistas e pedetistas disputam "chapas puro-sangue", cada um para o seu lado. Pelo menos no primeiro turno.

As maiores dificuldades surgiram no Rio de Janeiro, onde o PT mais radical rebelou-se contra a direção nacional do partido e indicou o ex-deputado Vladimir Palmeira candidato ao governo. A esta altura já havia um acordo entre o PT e o PDT para que o candidato fosse o pedetista Anthony Garotinho e a vice a senadora Benedita da Silva. Foi preciso uma intervenção branca do PT nacional - e o exercício da crescente autoridade de Lula - para que a aliança nacional se reproduzisse no Rio. Mas antes do acatamento, houve muito tiroteio público.

No rastro da rebelião fluminense, o Rio Grande do Sul terminou se transformando em campo



GAROTINHO (com Benedita): símbolo das dificuldades entre as esquerdas

de batalha de petistas e pedetistas, que lançaram a senadora Emília Fernandes para concorrer com Olívio Dutra, do PT. Mas, ao contrário do que fez o PT no Rio, o presidente do PDT, Leonel Brizola, optou por não impor a sua autoridade (inquestionável, no partido) para forçar a retirada de Emília do páreo governamental. A senadora está em plena campanha. Lá o acordo é cada um por si

no primeiro turno, juntando-se no segundo turno em torno de quem chegar lá.

Reviravolta

Em São Paulo, o acordo é semelhante, entre Marta Suplicy (PT) e Francisco Rossi, pedetista que já ultrapassou nas pesquisas o pepebista Paulo Maluf e está muito à frente do governador Mário Covas (PSDB). Em Pernambuco, o

PT conseguiu fechar a aliança estratégica com o PSB de Miguel Arraes, calando os petistas locais, sob a liderança radical do deputado Fernando Ferro, que esperneou enquanto pôde. Essa coligação era fundamental para o acordo nacional entre os partidos de esquerda, porque sem silenciar a oposição petista no Estado, dificilmente Arraes se aliaria a Lula e a Brizola.

A reviravolta mais importante

ocorreu no Amazonas. O ex-prefeito de Manaus, Eduardo Braga (do PSL e que já foi do PPB), rompeu no início de junho com o seu padrinho político do PFL, o atual governador Amazonino Mendes, e se aliou com Serafim Gonçalves, do PSB. Braga, que fez uma boa administração em Manaus, e Serafim (candidato bom de urna em outras disputas, quando quase se elegeu) formam uma dobradinha política extremamente consistente e com chances reais de derrotar Amazonino, candidato à reeleição. Além do cacife individual, eles têm o apoio de toda a esquerda.

Tucamos

As surpresas ficaram por conta de coligações do PT com o PSDB em dois Estados: Acre e Piauí. Podem ser atribuídas às questões regionais, que levam inimigos nacionais a se apoiarem mutuamente ou exatamente o contrário. Mas estes dois casos ainda estão sendo analisados pela direção nacional do PT e podem ser anuladas.

No Acre, o petista Jorge Viana tem o apoio dos tucanos. "Juntou-se todo mundo que tem um mínimo de decência para enfrentar a Márcia Camelli", explica o deputado Chico Vigilante (PT-DF). Márcia é parente do governador Orleir Camelli, acusado de inúmeros casos de corrupção.

No Piauí, o tucano Chico Gerardo tem o apoio dos petistas locais porque a política é exercida hegemonicamente pelo PFL do senador Hugo Napoleão e pelo PMDB do governador Francisco de Assis Moraes Sousa, o "Mão Santa", que tenta se reeleger. Ambos têm a simpatia do Palácio do Planalto. Sem espaço local, o PSDB se aliou com o inimigo nacional, o PT de Lula, e Chico Gerardo virou o candidato da coligação estadual. "Ele é um político sério", ressalva Chico Vigilante.

SÓCRATES ARANTES

Repórter do Jornal de Brasília